

O CUSTO DE UMA GERAÇÃO

Hoje não foi um dia como os outros. Foi um trecho de tempo durante o qual chorei a ausência do meu pai. Refleti, pensei no meu avô e, na minha cabeça, fiz aos dois uma única pergunta: por que vocês me deixaram sozinho para salvaguardar o legado da família Frega e transformar o seu nome numa geração?

A minha nora, Sharon, me ofereceu o ombro para chorar. Ela me confortou, ciente de que o que estava diante de mim não era uma tarefa fácil nem complexa, não era um golpe de gênio nem um ato de criatividade, mas, na verdade, uma missão impossível. E àquela altura eu próprio já havia percebido isso.

Senti como se me tivessem confiado a tarefa de levar isso adiante, começando pelas durezas da vida do meu avô, mineiro por quarenta anos, e da vida do meu pai, vendedor por quarenta anos. Quanto a mim, dediquei dezoito anos da minha vida profissional a uma mãe que sempre admirei e respeitei, e da qual recebi todas as lições que uma vida inteira poderia oferecer: as lições necessárias para me tornar quem sou hoje, embora eu não faça ideia de quem serei amanhã.

Ela é a Mãe GILLETTE.

Então senti de novo aquela mão familiar no meu ombro, a que me guia e me empurra rumo a coisas inimagináveis: uma gravação de áudio no site, depois duas para rodar os primeiros testes, depois cinco para ver se o sistema aguentava, depois dez, em vários idiomas, para falar com as pessoas.

E por que tudo isso?

A América era a minha casa, embora eu ainda não tenha escolhido um destino preciso neste momento.

A França havia sido a casa da família do vovô Kamp.

A Índia era o berço do líder global da marca, um pioneiro em seguida a tantos americanos antes dele.

O Brasil, por sua vez, ofereceu a melhor mulher que poderia oferecer, ajudando a transformar uma marca nascida para os homens e a eles dedicada num reconhecimento genínio das mulheres, depois de cento e trinta anos de história. Afinal, são quase sempre as mulheres que tomam as decisões de compra, e sem elas nada disso teria sido possível hoje.

E, por fim, a Itália, com os seus bandolins e violões, os instrumentos mais amados para as serenatas sob os balcões, executadas a pedido dos apaixonados. E os diretores dessas serenatas eram sempre os mesmos dois homens: o meu pai e o meu avô.

Os inesquecíveis Frega.

Olhei para as fotografias deles e continuei a chorar. Felizmente, eu estava sozinho, porque os hóspedes tinham ido à praia.

Depois veio a surpresa do dia: colocar um vídeo de oito minutos de mim mesmo, sem áudio, na página de Contato.

Mas o que aquilo significava?

Não consegui entender, e talvez não entenda de imediato. Mas tenho certeza de que entenderei mais tarde, como costuma acontecer.

Enquanto isso, abandonei a música do YouTube que me acompanhou por anos à escrivaninha e, a partir de hoje, escuto a música do meu próprio site. Ela se tornou estranhamente familiar, como se eu sempre a tivesse conhecido, quase como se eu quisesse me convencer de que é um hino dedicado a quem não está mais aqui.

Adeus, meus velhos.

Ferdinando

Ferdinando Frega — gillettenarrative.com